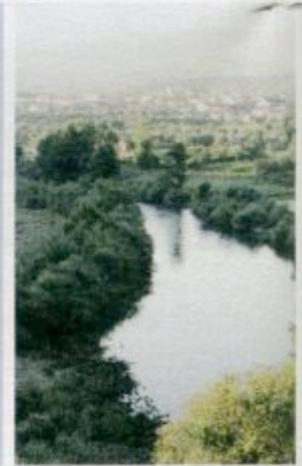




Faça as malas



Vista sobre o rio Zêzere; um casal aproveita a sombra com todo o tempo do mundo; vista sobre Janeiro de Cima; uma casa de xisto



Conhecer a Alma do Xisto

Onde o Zêzere é feito de curvas, por entre as serras da Gardunha e do Açor, fica Janeiro de Cima. Pedra rolada e xisto vivem nas ruas da aldeia, no trabalho das tecedeiras, na barca tradicional e no olhar das gentes.

Estava calor no dia em que visitámos Janeiro de Cima. Curvas e contra curvas davam a sensação de que a estrada poderia nunca terminar, apesar de serem escassos 40 quilómetros a partir do Fundão. Finalmente, uma placa à direita deu conta de que estávamos no caminho certo. Se dúvidas houvesse, o ziguezague do Zêzere, rio que decidi contemplar a pequena Aldeia de Xisto com uma paisagem de filme romântico dos anos sessenta. As margens elevavam-se por montes cobertos de vegetação verde, apesar de estarmos nos Estios. O último Inverno foi generoso para a região e o Zêzere corre abundante por estas serras, a da Gardunha e a do Açor. Cheirava a pinheiro e a flores silvestres e sou-

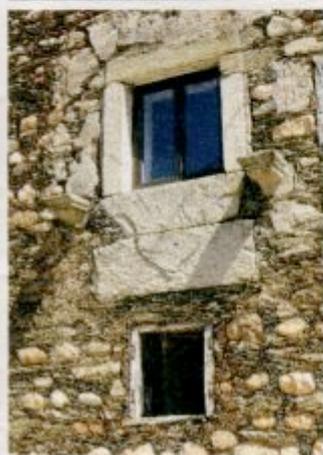
bemos que estávamos no coração das Beiras. O caminho deixou de importar.

Começámos a descer o vale até à Igreja Nova, onde tínhamos combinado encontro com Bruno Ramos, que nos acompanharia na visita. «Sempre em frente», era a indicação. E era.

O Sol abrasava o empedrado e alguns senhores de idade avançada aproveitavam as sombras dos beirais e toldos para conviver, uma das actividades mais importantes por aqui. «Boa tarde», atiraram-nos. Por ora, pouco xisto se via. «A recuperação do casario ainda está a decorrer», explicou Bruno, que há cinco anos deixou tudo o que tinha em Lisboa para entregar os dias à Pinus Verde, associação de desenvolvimento rural que procura devolver saberes intrínsecos às terras do concelho de Fundão. «Aprendi mais aqui em cinco anos, a conviver com estas gentes, do que durante 10 em Lisboa», assegurou. Seguimos em direcção à Igreja



Pelas ruas do núcleo medieval de Janeiro de Cima, encontram-se formas de vida diferente: alguns amigos aproveitaram o fim de tarde; na Casa das Tecedeiras preserva-se a tradição do linho



Velha de Janeiro de Cima, de xisto e reboco num enquadramento perfeito. Conosco, o silêncio. «A Igreja Velha foi recuperada no âmbito da Rede das Aldeias de Xisto, já este ano», indicou Bruno.

Num corte à esquerda, um enorme casarão de xisto revelava a sua identidade: Casa das Tecedeiras. Grandes pedras, num tom ocre faziam parte da parede. «Essa é uma característica de Janeiro de Cima, a integração do seixo rolado na construção», explicou Bruno. Perto da entrada, um enorme tear de tapeçaria, cheio de cores bonitas entrelaçadas, fazia sombra sobre a relva. Aqui, os visitantes podem experimentar tecelagem ao ar livre, para melhor entenderem esta arte perdida na memória das gentes beirãs.

Sylvie Agostinho recebeu-nos na Casa das Tecedeiras, de frescas paredes brancas. Logo à entrada, todas as tecedeiras da casa estão representadas em fotografias a preto e branco. Ouviram-se vozes e risos. No núcleo museológico estão expostas algumas peças em linho das artesãs de Janeiro de Cima: *écharpes*, ca-

checóis, entre outras peças de vestuário e lar. Descendo umas pequenas escadas, o núcleo museológico com os «sete martírios do linho». «Se quiserem podem experimentar a tecelagem neste tear», disse Sylvie. O que experimentámos foi o delicioso mel.

Subimos. As tecedeiras estavam espalhadas pelos seis teares. Outras teciam à mão. Isabel, de 25 anos, que está a estudar em Tomar, ouvia atenta os conselhos experientes de Maria de Lurdes, tecedeira de 52 anos. «Estou a aprender a fazer ajuro e bainha aberta», disse, levantando os olhos num sorriso. Isabel participava num *workshop* de tecelagem de um dia, uma das actividades disponíveis na casa das tecedeiras.

«Boa tarde», e seguimos. Era hora do passeio na barca tradicional, em que noutros tempos as gentes de Janeiro de Cima e da Pampilhosa da Serra atravessavam o Zezêre. Até ao Parque Fluvial foram dois passos (ou alguns metros), adentrados no núcleo medieval da Vila. Xisto e seixo rolado compõem as construções, emprestando-lhes um ar remoto e belo >>



faça as malas



Álvaro Dias esperava-nos na barca tradicional que, noutros tempos, ligava o concelho do Fundão ao de Pampilhosa da Serra: um passeio único



» nessa memória. Um grupo de amigos bebia vinho, na Rua do Espírito Santo. Um galo cantava a tarde e cortava o silêncio.

O parque fluvial estava animado: um grupo de jovens e crianças mergulhavam, uns após outros, no Zêzere. Álvaro Dias, o 'barqueiro-presidente da Junta de Freguesia', acenou-nos de debaixo da copa das árvores que ladeiam o rio e o pequeno cais. «Estão a ver onde é o muro? Antigamente era aqui que se faziam os lodeiros que impediam que as águas invadissem os campos de cultivo quando havia cheias», contou. Falava de sorriso no rosto todo, por baixo do boné gasto e jovial.

Entrámos na pequena barca de madeira de pinho e acomodámo-nos junto à proa. «Estão a ver aquele ziguezague acolá na serra? Era dali que as pessoas que queriam atravessar gritavam 'Ó da Barca' e o barqueiro ia buscá-las», apresentou o senhor Álvaro, enquanto dava direcção à barca tradicional com um enorme pau que fazia as vezes de leme. O Zêzere estava esplêndido, todo verde do reflexo das árvores. Silêncio.

Há muitos anos, não havia pontes por aqui. E as pessoas atravessavam o rio nestas barcas. «Muitos tinham a sua barca pessoal, que utilizavam para ir aos campos que tinham no outro lado», recordou o barqueiro. Terminava

sempre a frase com um «Está a ver a ideia?», que continha toda a energia do rio. O tempo foi passando, ziguezague do rio após ziguezague. Sempre o verde a dominar as margens e a paz o pensamento. Fechámos os olhos.

«Já viram esta água? Já olharam bem?» insistiu, quando se preparava para atracar a pequena barca. Em nenhum lado, o Zêzere é tão límpido e puro. Talvez tenha alma de xisto, pensámos.

Texto de SÓNIA BALASTEIRO

Fotos de RAQUEL WISE

INFORMAÇÕES

COMO IR

PINUS VERDE – Casa Redonda
Bogas de Cima – Fundão
Tel. 275 647 342

ONDE DORMIR

CASA DE JANEIRO – www.casadejaneiro.com
Rua do Espírito Santo – Janeiro de Cima
Tel. 969 339 830

ONDE COMER

RESTAURANTE FIADO
Rua do Espírito Santo, 5 – Janeiro de Cima
Fundão
Tel. 938 938 803